AVICULTURA

Em 1984, a produção brasileira de carne de frangos foi a menor dos últimos anos. Acentua-se a desativação de granjas independentes. Falta estímulo ao produtor, que, no plano interno, ainda se depara com a perda do poder aquisitivo do consumidor e a concorrência da carne bovina. Continua, também, a retração do mercado internacional principalmente provocada pela recessão e pelo incentivo à produção em países tradicionalmente compradores.

De acordo com a **Associação dos Produtores de Pintos de Corte – Apinco,** a produção de frangos, em 1984, foi da ordem de 1,4 milhão de t, a menor dos últimos anos, com uma retração de cerca de 10% e 9% em relação às de 1982 e 1983, respectivamente. Conseqüentemente, a disponibilidade interna *per capita* de carne de aves voltou ao nível de 1979 (8,8 kg/ano).

Diversos fatos não diretamente ligados à atividade concorreram para seu mau desempenho. O primeiro, de ordem econômica geral, refere-se à perda gradual e constante do poder de compra dos assalariados, na esteira da recessão, notadamente a partir de 1981. O segundo diz respeito à concorrência da carne bovina, que, numa reviravolta do processo de alta cíclica registrada em fins de 1984, forçou a queda dos preços das carnes em geral, uma vez que, devido à maior procura, a carne de boi comanda o mercado (ver **Agroanalysis,** volume 9, nº 4).

O balanço final destoou, portanto, da estimativa inicial de que 1984 seria um ano favorável à atividade. O ano de 1983 já tinha sido difícil, devido à deficiência do abastecimento de milho, que, ao provocar a elevação dos preços reais da ração, forçou os criadores a reduzirem drasticamente seus plantéis. Naquela ocasião, a oferta de pintos de corte foi 5% menor do que em 1982, configurando a primeira contração da atividade em treze anos.

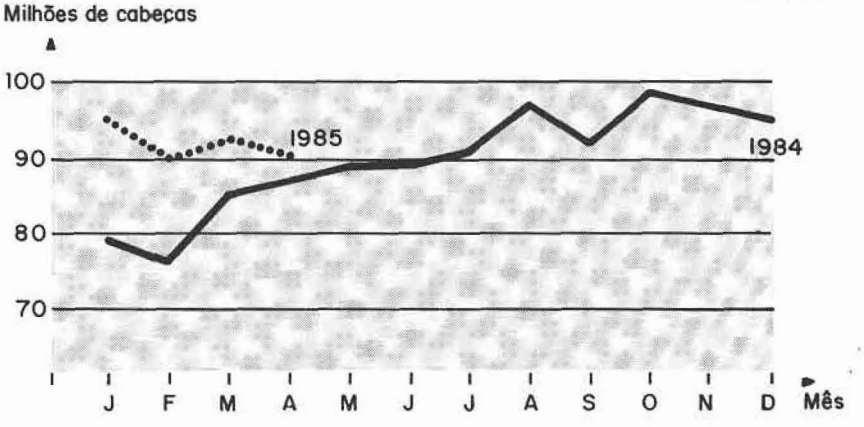
Em 1984, com a regularização do abastecimento do milho e a alta de preços da carne bovina, esperava-se melhor desempenho da avicultura, permitindo uma recuperação, ainda que parcial, dos prejuízos. Assim, sem perder de vista a compressão salarial e seus efeitos sobre o consumo de alimentos, os criadores de pintos buscaram, no ano passado, a retomada dos níveis de produção, contando com o respaldo de uma oferta regular de insumos. Em conseqüência, do segundo ao quarto trimestre, a oferta de pintos de corte apresentou sensível recuperação, alcançando o recorde de 9,9 milhões de cabeças, em outubro (ver Gráfico 01), mês em que, tradicionalmente, a produção aumenta para fazer face à demanda sazonal do final do ano.

No entanto, a reversão dos preços da carne bovina, a partir de outubro, determinou que se reconsiderassem os planos de expansão dos produtores. A produção de pintos de corte, já em dezembro, retornava aos 95 milhões de cabeças, mantendo-se estável em janeiro e declinando em fevereiro. Nestas condições, tornou-se particularmente difícil a disputa no mercado, numa situação de compressão salarial e, também, de melhoria da relação entre o salário mínimo e a carne bovina, no varejo.

Como resultado, o preço relativo frango/ração em São Paulo, durante 1984, apresentou uma média da ordem de 2,7, nível muito semelhante ao registrado em 1983 (2,5), redu-

BRASIL – PRODUÇÃO MENSAL DE PINTOS DE CORTE – 1984-85[1]

GRÁFICO 01

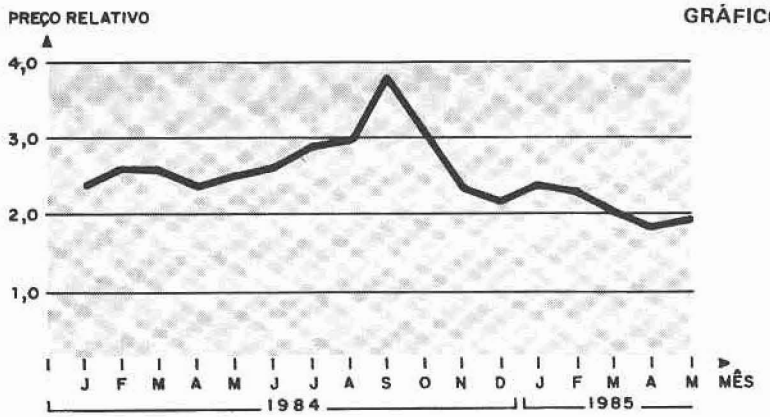


FONTE – Apinco.

1 Janeiro a abril.

ESTADO DE SÃO PAULO – PREÇO RELATIVO MENSAL FRANGO/RAÇÃO 1984-85[1]

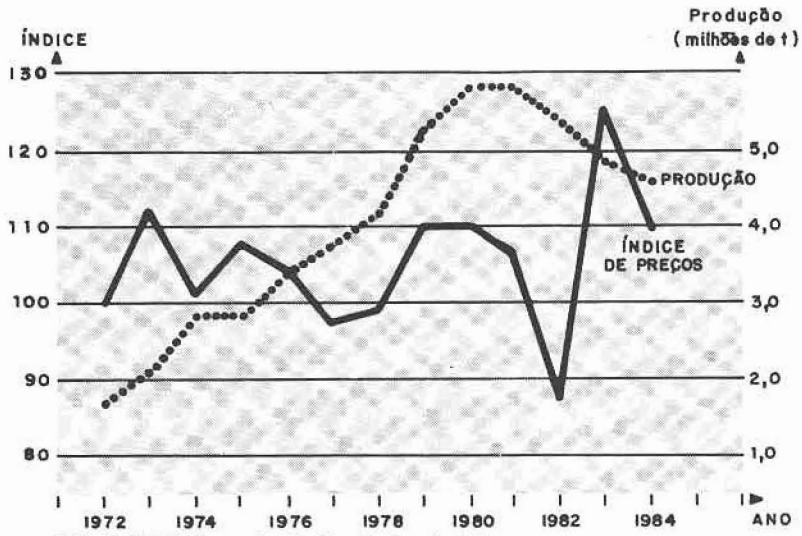
GRÁFICO 02



FONTE – IEA.
[1] janeiro a maio.

ÍNDICES[1] DE PREÇOS REAIS[2] DE RAÇÃO DE AVE DE CORTE NO ESTADO DE SÃO PAULO E PRODUÇÃO NACIONAL DE RAÇÕES PARA AVE DE CORTE – 1972-84

GRÁFICO 03



FONTE – IEA/SP (preços) e Sindirações (produção)
[1] 1972 = 100
[2] IGP, coluna 2, para 1972.

zindo a lucratividade dos criatórios (ver Gráfico 02). Aquela relação elevou-se apenas no mês de setembro, quando o aumento de 23% no preço do frango coincidiu com a desvalorização de 2% no preço da ração para ave de corte. A respeito, vale observar que, durante o ano, a retração de 7%(1) na oferta, não foi suficiente para impedir a queda do preço real da ração (ver Gráfico 03), que se desvalorizou mensalmente, quase de forma contínua, no atacado da cidade de São Paulo. Em dezembro, chegou a ser 30% inferior ao de um ano antes.

Por sua vez, o declínio das exportações de carne avícola no ano passado contrariou, de certa forma, os planos de expansão dos criadores. Segundo a **Cacex**, a quantidade exportada, de 276,7 mil t, em 1984, foi a mais baixa dos últimos quatro anos. A obtenção de divisas beneficiou-se, no entanto, da venda de partes de frangos, mais caras do que o animal inteiro. Desta forma, do total de US$ 261 milhões auferidos em 1984, cerca de 16% foram provenientes das vendas de partes, muito embora, em termos de quantidade, a sua participação não tenha ultrapassado 11%, segundo a **Associação Brasileira dos Exportadores de Carne de Frango – Abef.**

A contração do mercado internacional de frangos que se observa, há algum tempo, deriva tanto da recessão mundial, como do incentivo à produção em países tradicionalmente compradores, além da própria exaustão da possibilidade de abertura de novos mercados.

Neste contexto, a perspectiva dos exportadores para este ano não é muito animadora, pois fatos adicionais, como o fortalecimento do dólar, aliado aos elevados custos do frete marítimo e à gradual retirada do crédito-prêmio à exportação, têm contribuído para o enfraquecimento do mercado internacional. Deste pessimismo não escapa nem mesmo a venda de partes de frangos, não obstante a previsão inicial de que se expandiriam as suas remessas para países da Europa Ocidental, em 1985. Dentro dessa ótica, os planos da **Abef** são modestos, prevendo-se apenas um aumento marginal, da ordem de 1%, no total exportado. A tendência de aumento da produção, recentemente observada nos países compradores tradicionais, vem-se acentuando. No **Iraque**, por exemplo, a produção de frangos, em 1984, teve um aumento de 10%, comparativamente à de 1982, prevendo-se um avanço de mais de 13%, no corrente ano. Na **Arábia Saudita**, esses percentuais são de 17% e 14%, respectivamente (ver Quadro 01). Para os exportadores brasileiros, este quadro é preocupante, na medida em que o **Iraque** e a **Arábia Saudita**, em conjunto, representaram 49% da quantidade expor-

(1) Estimativa do Sindicato das Indústrias de Rações – Sindirações.

QUADRO 01 – CARNE DE AVES – PRODUÇÃO DE PAÍSES SELECIONADOS DO ORIENTE MÉDIO E ÁFRICA – 1981–85
(mil t)

PAÍS	1981	1982	1983	1984[1]	1985[2]
Iraque	70	95	145	160	180
Kuweit	11	15	18	20	22
Arábia Saudita	62	80	150	175	200
Síria	74	78	83	80	80
Emirados Árabes Unidos	4	5	5	6	6
Iêmen	2	2	2	2	2
Egito	134	148	158	165	175

FONTE – USDA.
1 Preliminar.
2 Previsão.

tada e 47% das divisas arrecadadas em 1984, segundo a **Abef**.

No plano interno, a expectativa inicial era de que a avicultura de corte, em 1985, enfrentaria dificuldades no que diz respeito à demanda, apesar do recente reajuste de 100% do salário mínimo. Isto porque, ainda assim, o poder de compra dos assalariados persiste muito aquém das suas necessidades mínimas de sobrevivência. Ademais, enquanto o preço da carne bovina no varejo se mantiver próximo ao do frango limpo, o consumidor continuará preferindo a carne vermelha.

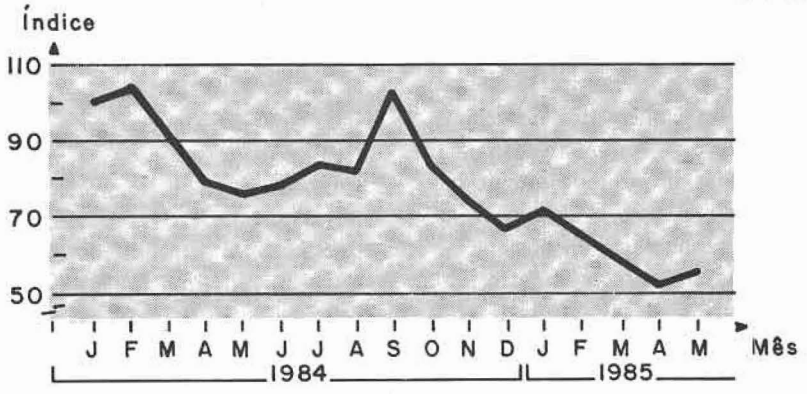
Sintomaticamente, acentua-se a desativação de granjas avícolas em regiões tradicionais. Em São Paulo, a paralisação da atividade criatória já atinge 30% das granjas independentes, ao mesmo tempo em que avança a integração avícola, já responsável por mais de 50% da produção ofertada no estado. Segundo a **Apinco**, em 1984, Santa Catarina, onde se concentra grande número de criações integradas, ultrapassou o estado de São Paulo, chegando à posição de maior produtora de frangos de corte.

Os últimos levantamentos sobre a oferta de pintos de corte, efetuados pela **Apinco**, permitiram prever produção de carnes de frango de 841 mil t, nos primeiros sete meses do ano, nível 12% superior ao do mesmo período do ano anterior. Este avanço na oferta, derivado do aumento de 9% na produção de pintos de corte de janeiro a maio, vem sendo motivo de polêmica dentro do segmento avícola. Um dos argumentos baseia-se no fato de o mercado não ter condições de absorver acréscimos de produção, o que resulta em imediata depreciação do produto, em termos reais e até nominais (ver Gráfico 04), conforme ocorreu em março e abril[2]. Este argumento, no entanto, não parece convincente. Isto porque, se a sinalização desfavorável para a avicultura deu-se a partir do último bimestre do ano passado, já houve tempo suficiente para ajuste da oferta à demanda de frangos, mas isso ainda não ocorreu, embora se considere elevada a ociosidade de 13% registrada na produção de pintos, de janeiro a maio deste ano. Diante do exposto, tudo indica que essa ociosidade não foi suficiente e que a situação econômica exigirá dos produtores de pintos um ajuste ainda mais agudo para que o aumento de lucratividade do segmento avícola, como um todo, possa ocorrer.

(2) A valorização real de 6% havida no preço recebido pelo avicultor em maio deu-se, sobretudo, em conseqüência do aumento de 175% ocorrido nas exportações de carne avícola comparativamente ao mês precedente, o que fez com que se reduzisse em 83 mil t a disponibilidade para consumo interno.

ESTADO DE SÃO PAULO – ÍNDICES[1] DE PREÇOS REAIS[2] MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FRANGO
JANEIRO/1984–MAIO/1985

GRÁFICO 04



FONTE – IEA/SP e Conjuntura Econômica.
1 IGP, coluna 2, para janeiro de 1984.
2 Janeiro de 1984 = 100.